



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE
CURSO DE PEDAGOGIA**

**O ENSINO DE LIBRAS NA ESCOLA DE OUVINTES: UMA PROPOSTA
DE PRÁTICA EDUCATIVA PARA APROXIMAR A LIBRAS DE
ESTUDANTES DA ALFABETIZAÇÃO**

JACQUELINE HEIDK RUPPEL

Porto Alegre
Julho, 2022

JACQUELINE HEIDK RUPPEL

**O ENSINO DE LIBRAS NA ESCOLA DE OUVINTES: UMA PROPOSTA DE
PRÁTICA EDUCATIVA PARA APROXIMAR A LIBRAS DE ESTUDANTES
DA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional
de Educação de Surdos – Polo UFRGS, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Pedagoga.

Orientadora: Ma. Luciana Moratelli
Co-orientador: Me. Isaías dos Santos Ildebrand

Porto Alegre
Julho, 2022

R946e Ruppel, Jacqueline Heidk.
O ensino de Libras na escola de ouvintes: uma proposta de
prática educativa para aproximar a libras de estudantes da
alfabetização / Jacqueline Heidk Ruppel. — 2022.
44 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Luciana Moratelli Pinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2022.

1. Libras. 2. Estudo e ensino. 3. Alfabetização. 4. Escolas. I.
Título. II. Pinho, Luciana Moratelli.

CDD 419



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR-DESU
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE - NEO
Rua das Laranjeiras, 232. Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP 22240-003
CNPJ – 00.394.445/0273-01
www.ines.gov.br

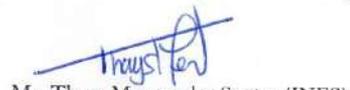
ATA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 27 de julho de 2022, foi realizada a defesa do trabalho de conclusão de curso “ O ensino de Libras na escola de ouvintes: uma proposta de prática educativa para aproximar a libras de estudantes da alfabetização” elaborada por *Jacqueline Heidk Ruppel*, do Curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior do INES, como requisito parcial para obtenção do Grau de licenciado em Pedagogia. Fizeram parte da Banca Examinadora o(a) professor(a) orientador(a) Ma. Luciana Moratelli Pinho (INES), o professor coorientador Me. Isaías dos Santos Ildebrand (UFRGS), a professora Dr^a. Ana Luísa Antunes (DEBASI/INES) e a professora Ma. Thays Merçon dos Santos (INES) que consideraram o trabalho aprovado com a nota final 10 (dez). O TCC deve ser disponibilizado no Repositório Digital Huet na sua versão final.

Documento assinado digitalmente
gov.br
LUCIANA MORATELLI PINHO
Data: 02/08/2022 08:25:08-0300
Verifique em <https://verificador.ig.br>

Ma. Luciana Moratelli Pinho (INES)


Dra. Ana Luísa Antunes (DEBASI/INES)


Ma. Thays Merçon dos Santos (INES)

Rio de Janeiro, 27 de julho de 2022.

Rodrigo Rosso Marques

Diretor do Departamento de Ensino superior do Instituto
Nacional de Educação de Surdos - DESU/INES

Matrícula: 1374610

DEDICATÓRIA

À minha filha, que foi minha inspiração e esteve presente desde o ventre nessa trajetória, à minha mãe que sempre me encorajou a não desistir dos meus sonhos e ao meu co-orientador que dedicou cada minuto com empenho e paciência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sua infinita bondade em me conceder saúde e os meios necessários para concluir essa jornada.

A minha filha Cecília, que esteve comigo durante toda essa trajetória, tendo que dividir as horas de lazer para que eu pudesse realizar esse trabalho. Sem dúvidas, foi o meu maior motivo de inspiração.

A minha mãe Eloiza, que mesmo distante fisicamente, sempre esteve na torcida pela minha vitória durante toda a vida.

Ao meu co-orientador Prof. Isafas, que me ajudou em cada etapa, desde a ideia norteadora para esse trabalho até a conclusão, dedicando suas horas me instruindo e incentivando a não desistir.

A minha orientadora Prof. Luciana que sempre se mostrou solícita e dedicada a contribuir com o desenvolvimento deste trabalho.

Aos demais professores desta Instituição que foram facilitadores de conhecimento e sempre se mantiveram disponíveis em ajudar. A Instituição onde trabalho, que generosamente cedeu espaço para a prática e em especial à minha parceira de turma, professora Camila que não mediu esforços para que o projeto fosse um sucesso.

Enfim, agradeço a cada pessoa que esteve presente durante essa trajetória: colegas, amigos e familiares. Sem a compreensão e o apoio de vocês isso não seria possível.

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar.” (Albert Einstein)

RESUMO

Este trabalho relata sobre a importância da Libras na escola de ouvintes e como ela tem potencial para ser um objeto de aprendizagem capaz de fortalecer o desenvolvimento da linguagem de crianças em período de alfabetização. Conforme os autores Ildebrand, Fronza, Luiz (2020), a realização de projetos que tragam visibilidade para a Libras pode ser muito benéfica, porque proporciona oportunidades de os estudantes terem contato com linguagens multimodais e conhecerem diferentes culturas. Para promover essa prática foi realizado um projeto com o foco em explorar a Libras em uma turma com 19 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola particular da região metropolitana de Porto Alegre, em fase inicial de alfabetização. A turma participou de maneira entusiasmada do Projeto “Minhas mãozinhas podem falar”, enriquecendo a proposta com experiências e curiosidades que possuíam sobre a cultura surda e a língua de sinais. O projeto foi vivenciado através de cinco laboratórios de aprendizagem, onde houve momentos de contação de história, apresentação do alfabeto datilológico, confecção de um alfabeto a partir do registro fotográfico das mãos dos estudantes sinalizando as letras do alfabeto, que serviu como material de apoio para o projeto e diferentes momentos de prática para os estudantes aprenderem a sinalizar seus nomes e dos colegas. Os laboratórios contribuíram para que as crianças pudessem ampliar seu repertório sociocultural, mobilizar seus conhecimentos sobre diferentes linguagens e aproximar os ouvintes da cultura surda. Além do conhecimento da Libras, os estudantes participantes do Projeto passaram a associar os sinais das letras do alfabeto datilológico ao alfabeto em português, ampliando os meios de fixação e facilitando o processo de alfabetização. Por fim, espera-se que mais projetos com essa temática possam ser desenvolvidos, fortalecendo o contato entre surdos e ouvintes, rompendo barreiras linguísticas e culturais, criando ambientes e espaços acessíveis na sociedade.

Palavras-chave: LIBRAS, alfabetização, projetos.

RESUMO EM LIBRAS

<https://drive.google.com/file/d/188jffyQBb2L-nz07C1UdFQEU-Ei06Yq6/view?usp=sharing>

ABSTRACT

This work reports on the importance of Libras (Brazilian Sign Language) in the school of listeners and how it has the potential to be a learning object capable of strengthening the language development of children in the literacy period. According to the authors Ildebrand, Fronza, Luiz (2020), carrying out projects that bring visibility to Libras can be very beneficial, because it provides opportunities for students to have contact with multimodal languages and get to know different cultures. To promote this practice, a project was carried out focusing on exploring Libras with 19 students of a Grade 1 group from a private school in the metropolitan region of Porto Alegre, during their initial phase of literacy. The group enthusiastically participated in the “My little hands can speak” project, enriching the proposal with experiences and curiosities they had about deaf culture and sign language. The project was experienced through five learning laboratories, where there were moments of storytelling, presentation of the typing alphabet, making an alphabet from the photographic record of the students' hands signaling the letters of the alphabet, which served as support material for the project and different moments of practice for students to learn to sign their names and those of their colleagues. The laboratories helped children to expand their sociocultural repertoire, mobilize their knowledge of different languages and bring listeners closer to the deaf culture. In addition to knowing Libras, the students participating in the Project started to associate the signs of the letters of the typewriting alphabet with the alphabet in Portuguese, expanding the means of fixation and facilitating the literacy process. Finally, it is expected that more projects with this theme can be developed, strengthening the contact between deaf and hearing people, breaking linguistic and cultural barriers, creating environments and accessible spaces in society.

Keywords: LIBRAS, literacy, projects.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	4
3. METODOLOGIA	8
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca discutir sobre o ensino da Língua de Sinais (Libras) na escola de alunos ouvintes em processo de alfabetização. Nesse sentido, recorre-se a Libras em sua modalidade visuoespacial, como um objeto de aprendizagem em potencial para se inserir no percurso de aquisição da leitura e da escrita de estudantes das escolas brasileiras, devido aos benefícios que ela apresenta no desenvolvimento cognitivo.

O ensino da Língua de Sinais sofreu difíceis e turbulentos momentos durante séculos ao redor do mundo. Houve esforços significativos que contribuíram para a repercussão da Libras na sociedade, como o de Abade l'Epée (Charles Michel de l'Epée: 1712 -1789) que foi um dos pioneiros na instrução formal com os surdos através dos sinais datilológicos criados e sinalizados pelas ruas de Paris, fundou o Instituto de Surdos e Mudos (atual Instituto Nacional de Jovens surdos).

Teve-se um período conturbado na disseminação da Língua de Sinais, quando então em 1880 ocorre o Congresso de Milão, onde reunia professores de surdos ao redor do mundo, em sua maioria educadores ouvintes, que votaram pelo banimento do ensino da língua de sinais atrasando a educação dos surdos por um período de quase um século, prejudicando o desenvolvimento dessa população.

A falta de contato entre surdos e ouvintes também é um fator que precisa de atenção, porque como aponta Ildebrand, Fronza e Luiz (2020), os surdos ainda vivem à mercê dos ouvintes, experimentando uma sociedade pouco acessível e que não considera a Libras em espaços diversos para potencializar o acesso à informação da comunidade que depende dessa língua visuoespacial.

De forma mais específica, este trabalho também buscou aproximar a Libras da realidade de alunos ouvintes, que talvez não saibam sobre que é uma das línguas oficiais do Brasil ou até mesmo sobre a comunidade que a utiliza em seus processos comunicacionais.

A escolha pelo grupo de alunos em período de alfabetização justifica-se, pelo fato de já trabalhar com crianças ouvintes nesta faixa etária e observei o quão receptivos e desejosos são em aprender sobre outras formas de comunicação e diferentes culturas. As crianças nessa faixa etária possuem facilidade em se expressar, usar o corpo para se comunicarem, parâmetros que favorecem o aprendizado da Língua de Sinais. Ao trabalhar na área da

educação pude perceber que ainda há um grande caminho a ser percorrido até que cheguemos em um cenário educativo que promova a inclusão e a acessibilidade.

A prática desse projeto tem como principal justificativa a oportunidade de antecipar o contato de alunos ouvintes, com a Libras, sem que para isso houvesse a necessidade de haver algum aluno surdo para que essa sensibilização ocorresse.

Para tanto, o trabalho está organizado em cinco partes. A introdução apresenta os objetivos e as premissas iniciais desta proposta investigativa. A segunda parte trata da revisão de literatura. A revisão contou com pesquisas que tratassem da Libras como objeto de aprendizagem em escola ouvintes. Como suporte teórico, Ildebrand, Fronza e Luiz (2020), Roa (2012) e Valadão et al. (2016) foram autores que contribuíram para o trabalho e apontaram sobre a repercussão da Libras na escola dos ouvintes.

Além desses autores, Pinter (2006) destaca que ao defender que a aprendizagem de línguas, traz uma discussão sobre diversos benefícios às crianças. Uma vez que a aprendizagem envolve o desenvolvimento de habilidades básicas de comunicação. O processo de ensino e aprendizagem de outra língua incentiva e motiva de forma prazerosa e divertida, promove o contato com outras culturas e amplia as habilidades cognitivas das crianças.

A terceira etapa relata o percurso da investigação que explorou um projeto pedagógico com o uso da Libras para crianças ouvintes. As crianças que participaram do projeto estão em período inicial da alfabetização. Uma pequena parte do grupo chegou até o 1º ano já reconhecendo as letras de seu nome, o que facilitou para a realização da prática. A quarta etapa da investigação contou com a análise reflexiva e descritiva do projeto desenvolvido nomeado *minhas mãozinhas podem falar*. Por fim, as considerações finais apresentam uma retomada dos objetivos e as perspectivas que precisam de atenção quanto ao desenvolvimento de projetos com o uso da Libras na escola de ouvintes.

Ademais, o trabalho visou contribuir para a visibilidade da Libras em espaços escolares, que comumente acabam por priorizar línguas estrangeiras ao invés de dar enfoque para uma língua oficial do nosso país. Também esperamos encorajar demais educadores a compartilharem o que sabem com os alunos, mesmo não possuindo proficiência na língua, porque o principal objetivo é fazer com que Libras esteja em evidência e seja cada dia mais conhecida de todos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A LIBRAS NA ESCOLARIZAÇÃO DOS OUVINTES: ALGUMAS REFLEXÕES E PERCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

O livro “*O ensino de Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil para crianças ouvintes e surdas*”, conforme apresentam Marques, Barroso e Silva (2013), o que é relevante para a criança, seja ela surda ou ouvinte, crescer com o menor número possível de barreiras. E quando dizemos barreiras não nos referimos apenas a língua, mas também a cultura e as oportunidades que a cercam na sociedade.

Ainda os autores e percebendo as possibilidades em aproximar o ensino da Libras em espaços escolares de crianças ouvintes, sugere-se que “a inserção dessa língua de sinais no ambiente escolar permite multiplicar o número de interlocutores, passando a ter acesso e trocas linguísticas efetivas com seus pares” (MARQUES, BARROSO, SILVA, 2013, p. 505-506).

Roa (2012), com base em Haskings (2002), corrobora que a língua de sinais pode ajudar nos processos de comunicação porque utiliza estímulos tanto visuais como sinestésicos, os quais, combinados com os estímulos auditivos da língua falada oferecem às crianças oportunidades de receber informações através de múltiplos níveis e de várias modalidades. Ao encontro dessa ideia, Roa (2012, p. 31) identificou que em julho de 1853, Isaac Lewis Peet escreveu um artigo pelo *American Annals of the Deaf an Dumb* que “quanto mais variada a forma pela qual a língua é apresentada à mente através dos vários sentidos, melhor e mais permanente será o conhecimento adquirido”.

Assim, de acordo com Edmunds e Krupinski (2005), quanto mais caminhos forem criados, melhor a memória para retê-los, a sinalização combinada com a língua falada fornece duas repetições de uma palavra, porém, em diferentes modalidades, o que faz com que as crianças ouvintes em contato com os sinais tenham o cérebro mais desenvolvido do que as que não tenham nenhum contato com a Língua de Sinais.

Além disso, para as crianças ouvintes, um novo mundo pode se descortinar, dando-lhes o acesso a um universo cultural até então desconhecido, além de um trabalho corporal diferenciado do existente nesse ensino.

A perspectiva cultural é uma forma de considerar a cultura surda na escola

dos ouvintes. Sabe-se que a Libras tem a função de estabelecer relações e comunicação entre surdos e pessoas que estão inseridas na comunidade surda. E como toda língua, ela é complexa e possui parâmetros que a estruturam que são diferentes de uma língua oral (ILDEBRAND, FRONZA, LUIZ, 2020).

A Libras requer expressão corporal, facial, movimento. Vários desses mesmos padrões necessários na língua, são formas de ampliar linguagens na trajetória escolar dos estudantes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo um conhecimento substancial conforme traz a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Tendo isso em vista, fica o indagamento: Por que não oferecê-la às crianças ouvintes?

Sabemos que a Libras, por mais que seja uma língua oficial em nosso país, ainda não está presente na maioria dos espaços escolares em todo território nacional, mesmo estando presente nas prescrições que guiam a Educação no Brasil, como a BNCC. Também sabemos que, conforme apontam Valadão et al. (2016, 127).

O Brasil ainda é carente de estudos que objetivem pesquisar como ocorre o processo de ensinar e aprender a LIBRAS nos contextos de sala de aula.

Com efeito, são necessárias investigações que ampliem as discussões sobre o ensino da língua de sinais para ouvintes, considerando as abordagens e metodologias utilizadas, as especificidades da sua modalidade visuoespacial e as particularidades dos aprendizes.

Desse modo, ao introduzirmos a Libras em escolas onde estão majoritariamente matriculados alunos ouvintes, estamos aos poucos criando oportunidades para que essa língua seja cada vez mais conhecida em nossa sociedade. Mesmo que ainda pouco se tenha pesquisas e materiais para realizarmos tais práticas, precisa-se haver empenho dos professores e recursos para disseminar a Libras em diferentes contextos de aprendizagem.

Neste sentido, Antunes e Pinho (2021) corroboram que a escola desde sempre é vista como um lugar de transformação, evolução e desenvolvimento de pessoas e de um país. A sala de aula é uma caixa preta de sonhos e conhecimentos para todos (pelo menos deveria...) que impulsiona a transformação social e o empoderamento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que é pertinente que os estudantes ouvintes possam ter conhecimento e contato com a Libras desde o início da escolarização, porque poderá haver momentos em sua jornada escolar, ou até mesmo fora da escola, onde tenham contato com pessoas surdas e nesse momento, já possuir uma base para comunicação, tornando a acessibilidade mais real e

possível, graças a esse contato que tiveram anteriormente com a Libras (BRASIL, 2018).

Podemos consultar e observar que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) pouco traz informações que estimulem a Libras, porém há menções que provocam e estimulam a produção de projetos para realização de um trabalho que vise experiências linguísticas, culturais, que sejam significativas para os educandos. Além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)(BRASIL, 2018), também recorreremos à Lei Lei nº 14.191 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sancionada, no em dia 03 de agosto de 2021, que uma lei que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue para de surdos, e. A Lei nº 14.191 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no âmbito do artigo 3º, que incluindo que deve ser respeitada a diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva sinalizantes.

Como docente auxiliar, pude perceber o quão benéfico pode ser apresentar outras culturas e línguas para os educandos nos primeiros anos de sua vivência escolar. E quando se trata da Libras, penso que esse benefício possa não somente trazer conhecimento de outra cultura, mas incentivá-los [os estudantes] a serem cidadãos facilitadores da inclusão tanto na escola quanto em outros ambientes sociais que estão inseridos.

A problematização da Libras na escola dos ouvintes já vem sendo considerada em pesquisas no contexto da educação e da linguística aplicada, mostrando o potencial dessa língua nas práticas pedagógicas que são organizadas nas aulas de língua oral de aprendizes ouvintes por meio de projetos (ILDEBRAND, FRONZA, LUIZ, 2020). Para tanto, acredita-se que a proposição de uma prática educativa com base em um roteiro de tarefas pode ser um caminho para que professores provoquem a Libras na escola dos ouvintes, apresentando novas linguagens e minimizando as distâncias entre surdos e ouvintes.

O uso de projetos no contexto da alfabetização pode ser uma potência para fortalecer habilidades, aproximar linguagens multimodais e provocar reflexões críticas sobre a sociedade conforme aponta Ildebrand e Rosa (2020). Se valer de projetos, conforme os autores, é uma alternativa para dinamizar os contextos e práticas escolares, sendo uma oportunidade de aproximar referências e instrumentos presentes na cultura do alunado, como as tecnologias. Além de Ildebrand e Rosa (2020), Roa (2012) retrata que o uso de projetos é uma forma de inserir a Libras na realidade dos estudantes que são ouvintes, sendo pertinente a iniciativa do docente para introduzir tais conhecimentos nos contextos escolares em que atuam. Mediante a isso, na próxima etapa do trabalho, apresenta-se os

caminhos para o desenvolvimento de um projeto que visou explorar a Libras no primeiro ano de alfabetização, fortalecendo esse processo e maximizando os contatos entre as linguagens no cotidiano escolar de estudantes de uma escola localizada na região sul do Brasil.

3. METODOLOGIA

3.1 Percursos para o desenvolvimento do projeto: delimitação e a organização da prática educativa

Para cumprir com os objetivos propostos e seguindo os princípios da pesquisa exploratória, que explora dados e traz contribuição importante para uma determinada área conforme aponta Gil (2010). Dessa forma, partindo de uma análise da BNCC, explorando as concepções que tratam da Libras, foi elaborada uma prática educativa com um roteiro de ações e atividades capaz de ser desenvolvida na escola dos ouvintes, fortalecendo o envolvimento dessa comunidade com a Língua da comunidade surda.

A proposta foi organizada para ser desenvolvida, em específico, com 19 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular na região metropolitana de Porto Alegre. Por meio da minha experiência com a educação, foi possível perceber que as crianças apresentam receptividade para aprender mais sobre diferentes línguas e culturas, visto que estão sendo alfabetizadas em sua língua materna e descobrindo mais sobre ela. Propor uma prática educativa com o apoio da Libras, sendo uma segunda língua nesse contexto, descrevendo caminhos possíveis para serem percorridos na escola é uma forma de orientar professores sobre como realizar essa prática de introdução da Libras em escolas de ouvintes.

De antemão, vale dizer que entende-se e sugere-se que a apresentação da Libras em sala de aula requer todo um preparo através de sondagem com os alunos fazendo um levantamento prévio sobre o conhecimento deles sobre a Língua de Sinais. Essa sondagem é fundamental para que consigamos executar uma prática que agregue conhecimento aos educandos, abrindo possibilidades e despertando o interesse maior pela cultura surda e a Libras.

3.2 Participantes da pesquisa

A pesquisa ocorreu em uma escola particular de ensino regular, de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. A turma escolhida para a pesquisa era

composta por 19 crianças ouvintes do 1º ano do Ensino Fundamental. A escolha dos participantes decorreu do fato de que a primeira autora estar vinculada à turma através de seu trabalho. Cabe salientar que o foco se dará na prática educativa, assim sendo, não serão revelados sem exposição das informações dos participantes.

3.3 Descrição e desenvolvimento do projeto “Minhas mãozinhas podem falar”

O projeto “Minhas mãozinhas podem falar” foi desenvolvido para apresentar e inserir a Língua de Sinais junto ao processo de alfabetização dos alunos de 1º ano. Aproximar a Libras (Língua Brasileira de Sinais) dos estudantes ouvintes também é uma ação capaz de ampliar o repertório sociocultural destes, explicando-lhes que ela é uma Língua oficial do nosso país e que existem milhões de pessoas no Brasil que se comunicam através dela. O desenvolvimento do projeto contou com 5 laboratórios, onde cada laboratório abordou temáticas interligadas com a Libras e a alfabetização.

Cada laboratório foi organizado por meio de uma temática específica, explorando estratégias pedagógicas e delimitando uma evidência de aprendizagem. Além disso, foi necessário recorrer à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo um parâmetro importante para sustentar a perspectiva dos laboratórios no contexto da alfabetização por meio das habilidades. Vale destacar que a BNCC é um documento importante, porque pode guiar e trazer nortes sobre as habilidades que devem ser desenvolvidas no período da alfabetização.

Na próxima parte do trabalho, realizou-se uma análise descritiva e reflexiva do projeto, destacando as ações desenvolvidas durante 5 laboratórios de aprendizagem organizados para oportunizar o contato da Libras no contexto de alfabetização.

O desenvolvimento de projetos no contexto da alfabetização tem sido uma potência para ampliar habilidades que se estabelecem no contexto da linguagem conforme apontam Ildebrand e Rosa (2020) e Roa (2012). Trazer à tona outras percepções sobre a língua e a linguagem pode fomentar estímulos e aprendizagem mais dinâmicas no contexto da alfabetização, desse modo, Oliveira e Mota (2007) destacam que

Diante das práticas de letramento cada vez mais exigentes, é uma ilusão pensar que apenas a alfabetização, conceito específico que diz respeito à aprendizagem do sistema alfabético, é suficiente, pois, antecipar o ensino do código escrito de forma tecnicista, não garante a compreensão dos significados produzido culturalmente (OLIVEIRA, MOTA, 2007, p. 30).

Pensando nisso, a intenção de apresentar a Libras durante o processo de alfabetização busca apresentar uma nova cultura que muitos estudantes acabam não tendo acesso fora do contexto escolar. Além disso, tornar o ambiente escolar o mais acessível e inclusivo possível é uma tarefa coletiva e árdua, mas que pode ser prazerosa, visto que os alunos nos primeiros anos de escolarização possuem encantamento pelo conhecimento e curiosidade para aprender e lidar com as diferenças.

Ao encontro desse pensamento, Pereira e Silva (2007) reforçam que o ambiente escolar é um dos principais ambientes em que a criança consegue enxergar e aprender a conviver com as diferenças. Além disso, os autores favorecem entender que

A criança é vista não só como um ser em desenvolvimento mas, sim, como uma criatura que se desenvolve continuamente, independentemente de nossa intervenção, mas que terá grande influência nesse processo de fluxo contínuo e inexorável enquanto ser vivente. Seres únicos, que merecem ser tratados com respeito, consideração, amor, carinho, atenção. Educadores e crianças, juntos, num mesmo processo de melhoramento contínuo (PEREIRA, SILVA, 2007, p. 27).

Tanto Pereira e Silva (2007) quanto Oliveira e Mota (2007) indagam que os projetos são vetores que podem trazer novos sentidos e potencializar o desenvolvimento do alunado. No projeto desenvolvido com os estudantes do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, *minhas mãozinhas podem falar*, estes foram interpelados a falar sobre suas vivências e conhecimentos a respeito das percepções que já tiveram das línguas diferentes do português. Esse momento de sondagem é importante para o professor conhecer como os estudantes se relacionam com as informações e as linguagens diversas que os cercam.

No Quadro 1, destaca-se a organização do primeiro laboratório que explorou a contação da história *palavra tem segredo* da autora Luciana Célia (2013).

Quadro 1 - Laboratório 1: Contação da história: “Palavra tem segredo”

SEGUNDA-FEIRA		HORÁRIO: 13:30h às 14:30h
Espaços	Tema do laboratório	
Sala de aula	Contação de História: “PALAVRA TEM SEGREDO”.	
Habilidades: EF02LP29: Observar, em poemas visuais, o formato do texto na página, as ilustrações e outros efeitos visuais.		Área: Linguagens

Estratégias do dia:	Realizar a contação de histórias “Palavra tem segredo” (Luciana Célia). Roda de conversa sobre o que os alunos sabem sobre Libras e registro das curiosidades sobre o tema.
Evidências de aprendizagem	Registro de falas dos alunos sobre a história e o que conhecem sobre Libras.

Fonte: Acervo pedagógico do projeto mãoszinhas podem falar (2022)

No primeiro dia de prática, iniciamos a proposta no momento da roda de leitura, trazendo a contação de história do livro “PALAVRA TEM SEGREDO?” de Célia (2013). O livro traz como proposta principal mostrar ao seu público leitor que algumas palavras possuem estruturas parecidas na sua escrita, como “tubarão” e “tuba”. Além disso, no momento da contação, a professora foi destacando determinadas palavras e, por seguinte, apresentando como essa palavra era sinalizada com o alfabeto manual, oportunizando leituras múltiplas (da palavra, da oralização, da imagem e da sinalização com o alfabeto manual). Vale destacar que o livro apresentava essas palavras e o alfabeto manual, ampliando a acessibilidade linguística e incluindo a Libras em seu repertório.

Durante a contação da história, a sinalização de algumas palavras destacadas na obra de Célia (2013) foi ocorrendo e os alunos logo identificaram como uma língua de sinais usada por crianças ou adultos surdos, ou como dito por eles, “que falam com as mãos”. Logo após a contação de história, alguns alunos mencionaram que já conheciam a Libras através de algum vizinho, amigo e outras crianças conheceram os sinais do livro ou caderno, porque já tiveram acesso a algum material que continha o alfabeto datilológico na contracapa. Além disso, os estudantes foram estimulados a trazer o material para a sala na próxima aula.

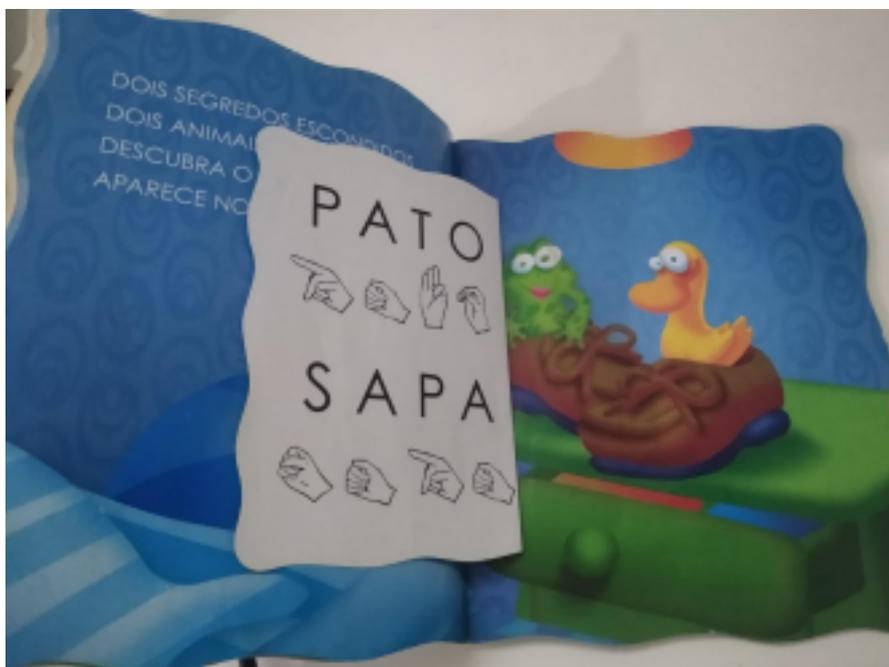
O laboratório explorou inicialmente a habilidade de código EF02LP29 que contempla “observar, em poemas visuais, o formato do texto na página, as ilustrações e outros efeitos visuais” da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 111), já que na contação da história puderam apreciar e observar os elementos diversificados na prática de linguagem. Os estudantes se depararam com um formato de livro que não estavam habituados e que não se encontra com facilidade na biblioteca da escola. No Brasil, atualmente há pouquíssimos exemplares na literatura infantil que contemplem uma proposta bilíngue.

Nas Figuras a seguir, é possível entender como é o livro e conteúdo multimodal presente em seu conteúdo.

Figura 1 - Capa do livro utilizado para contação de histórias.

Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Figura 2 - Ilustração do livro com palavras em português e sinalização datilológica



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Para evidenciar a aprendizagem, foi selecionado e registrado em caderno de campo algumas falas dos estudantes que serviram como norte para o decorrer do projeto, se valendo das abordagens e expressões discursivas trazidas pelos estudantes. Alguns alunos mencionaram já conhecer a Libras através de algum familiar, vizinho ou já tinham visto na televisão. Essas falas foram ampliadas ao

esclarecer para os alunos que no mundo existem pessoas surdas, que se comunicam através de sinais como sua língua principal, assim como os ouvintes se comunicam através da fala.

Também foi explicado que a Libras é uma língua oficial do nosso país e que precisa ser respeitada assim como qualquer língua estrangeira que aprendemos na escola e em demais espaços sociais. Algumas dúvidas surgiram por parte dos alunos, como por exemplo, como as crianças surdas poderiam se comunicar com crianças ouvintes, e então aproveitamos para reforçar a importância de aprendermos Libras na infância. Essas questões e percepções são destacadas no estudo de Marques, Barroso e Silva (2013), sendo que “a inserção dessa língua de sinais no ambiente escolar permite multiplicar o número de interlocutores, passando a ter acesso e trocas linguísticas efetivas com seus pares” (p. 505 e 506).

14

Dando continuidade aos laboratórios do projeto, a segunda etapa contou com a prática do alfabeto manual. Ildebrand, Fronza e Luiz (2021) denotam que o alfabeto manual pode ser um ponto de partida para apresentar a Língua de Sinais aos estudantes ouvintes. Mesmo assim, é importante deixar claro que o alfabeto manual serve para representar as letras da língua portuguesa, já que a estrutura da Libras se estabelece por meio dos parâmetros da Libras.

No Quadro 2, apresentação do alfabeto datilológico, destaca-se como decorreu a organização do Laboratório 2.

Quadro 2 - Laboratório 2: Apresentação do alfabeto datilológico

TERÇA-FEIRA		HORÁRIO: 13:30h às 14:30h
Espaços	Tema do laboratório	
Sala de aula Apresentação do alfabeto datilológico.		
Habilidades: Área:		
EF01LP04: Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos	Linguagens	
Estratégias do dia:	<p>Durante a roda de leitura, apresentar o alfabeto datilológico em conjunto com o alfabeto em português.</p> <p>Auxiliar os alunos a sinalizar todas letras do alfabeto.</p> <p>Auxiliar os alunos a sinalizar a inicial do seu nome.</p>	

Evidências de aprendizagem durante a sinalização para a construção Registro fotográfico das mãos dos alunos de um alfabeto de referência para a sala.

Fonte: Acervo pedagógico do projeto mãoszinhas podem falar (2022)

Conforme o Laboratório 2, foi o momento de retomar o que os alunos já sabiam sobre a Libras. Foi perceptível que os alunos demonstraram muito interesse e fizeram perguntas de como sinalizar o nome próprio, nome de personagens e informações pessoais.

Aproveitando esse ponto de interesse, a professora relacionou o alfabeto em português com o alfabeto datilológico, apresentando cartões individuais com as mãoszinhas em Libras e a letra correspondente abaixo, sendo que as crianças foram auxiliadas na sinalização correta de cada letra conforme a Figura 3. Além disso, na Figura 4 é possível visualizar os cartões apresentados aos estudantes.

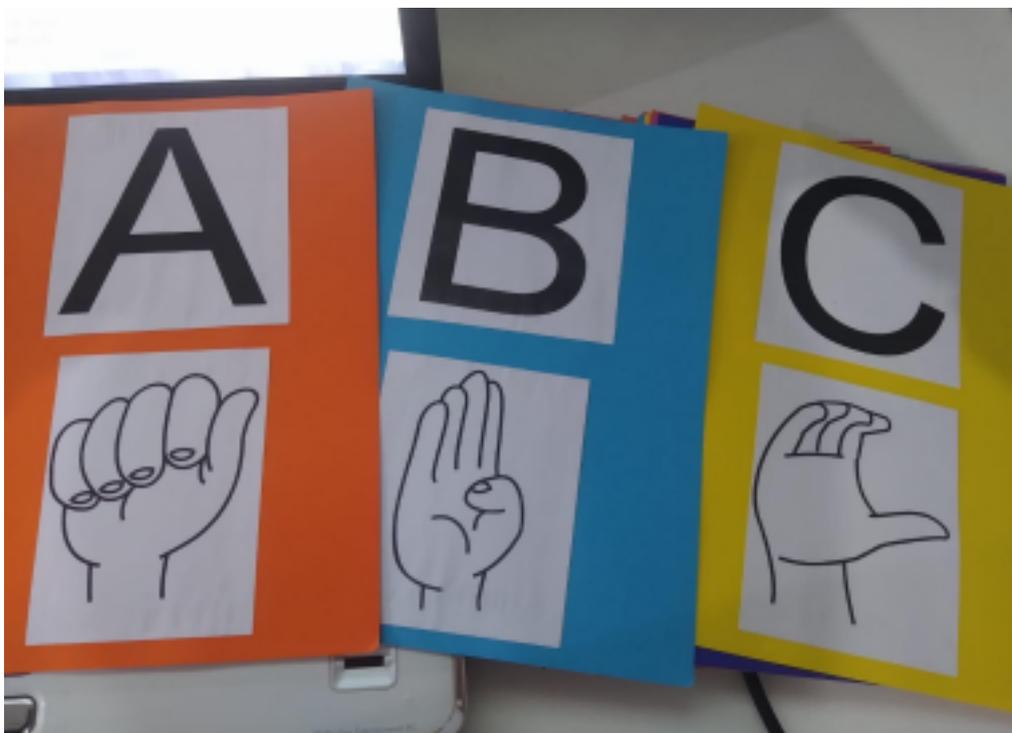
15

Figura 3 – Momento de sinalização do alfabeto datilológico da Libras com os estudantes



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãoszinhas podem falar” (2022)

Figura 4 - Cartões impressos com alfabeto em português e datilológico



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

16

Partindo desse ponto, foi possível observar que as crianças assimilaram com mais facilidade as letras do seu próprio nome, pois foi a maneira como as crianças se identificaram naquele momento. Nesse sentido, essa prática de linguagem favorece explorar perspectivas da identidade, onde, por meio das diferentes linguagens, ela se apresenta ao mundo e se difere das demais pessoas que convive. Desde a Educação Infantil a BNCC reforça a importância de trabalhar essa temática com as crianças nessa faixa-etária. Uma das habilidades que reforça essa ideia é do código EF01ER02, estabelecendo que “reconhecer que o seu nome e o das demais pessoas os identificam e os diferenciam” (BRASIL, 2018, p. 443) é um passo para trabalhar características pessoais e o desenvolvimento da identidade.

Alguns alunos, durante a roda, pediram para mostrar a sinalização do seu nome, o que estimulou a todos a praticarem mesmo em momentos após a roda. Em determinados momentos da tarde, os alunos queriam mostrar à professora que já haviam memorizado a sinalização das letras correspondentes ao seu nome. Como a evidência de aprendizagem condizia em registrar através de fotos o alfabeto manual, este registro aconteceu na sala de aula, através de tecnologia de baixo custo. Para tanto, utilizou-se a câmera do celular para fotografar as mãos dos alunos sinalizando as letras do alfabeto. Para seguir um padrão e para que a visualização do sinal se tornasse mais claro, foi necessário se valer do quadro branco como fundo para os registros fotográficos. Cada criança teve a oportunidade de sinalizar pelo menos uma

letra. Vale destacar que elas foram orientadas sobre o modo ideal de sinalizar a letra e, através disso, foi registrado com foto a sinalização feita pelas crianças para confecção do alfabeto datilológico que se tornaria recurso visual na sala.

Posteriormente, fora do período de aula, foi feita a seleção das imagens em um computador e organizado os arquivos em formato de slides no Canva, plataforma de edição de gráficos e documentos diversos, sendo uma ferramenta disponível na internet com versão gratuita para criação de slides, trabalhos e recursos audiovisuais.

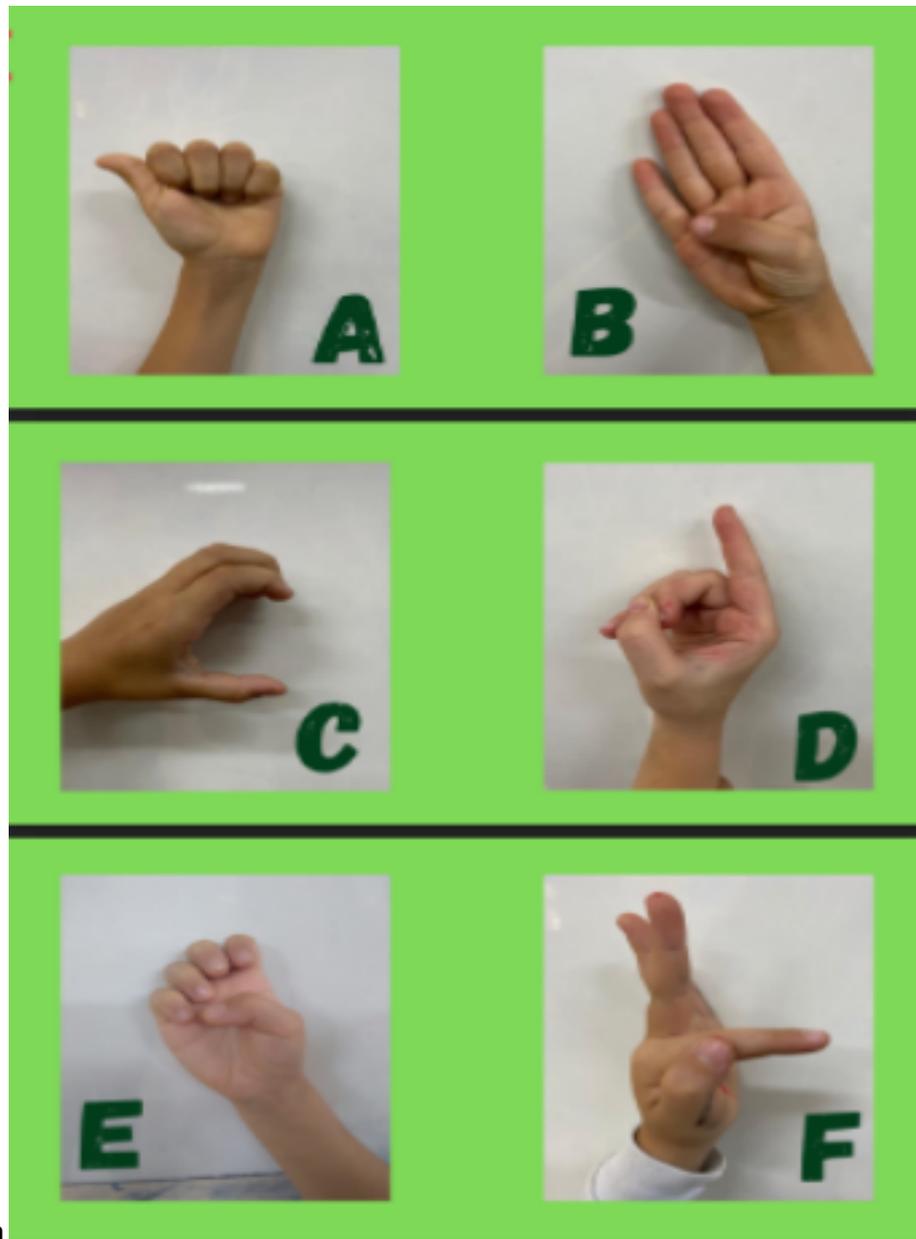
O layout criado para o alfabeto foi inspirado pela arte minimalista, contando com um fundo verde, duas fotos inseridas em cada página para simplificar o número total de páginas do arquivo. Também foi inserido as letras em português correspondente a sinalização, no canto inferior de cada foto, para que os estudantes pudessem identificar com mais facilidade cada letra do alfabeto. O alfabeto manual

17

da Libras foi fixado junto ao alfabeto convencional do português, acima do quadro branco, e continuou como material pertencente à sala mesmo após o encerramento do projeto.

Nesse sentido, considera-se que o alfabeto bilíngue torna o ambiente mais alfabetizador, porque amplia as possibilidades do estudante de conhecer as letras, podendo recorrer a ele sempre que necessário. Vale destacar que "um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita das quais as crianças têm oportunidade de participar" (BRASIL, 1998, p. 154).

Figura 5 – Produção do alfabeto datilológico para ser exposto na sala de



aula

18

Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Figura 6 - Apresentando o alfabeto bilíngue produzido a partir dos registros da sinalização dos alunos.



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

É pertinente considerar que a Figura 5 e 6 retratam a produção realizada pelos estudantes com a orientação da professora. Essa produção serviu de mote para trazer relações e conexões com o Laboratório 3. A descrição breve do terceiro laboratório conta no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Laboratório 3: Construção do alfabeto datilológico da turma

QUARTA-FEIRA		HORÁRIO: 13:30h às 14:30h
Espaços	Tema do laboratório	
Sala de aula	Construção do alfabeto datilológico da turma.	
Habilidades:		Área:
EF01LP04: Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos		Linguagens
Estratégias do dia:	Em conjunto com a turma colocar as fotos de cada letra do alfabeto datilológico em ordem alfabética.	
Evidências de aprendizagem	Os alunos receberão uma folha com o alfabeto datilológico e tiveram de pintar apenas as letras que correspondem ao seu nome.	

Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

No terceiro dia, foi apresentado aos estudantes o alfabeto de referência já

impresso, no qual foi praticado com as crianças durante a roda. Os alunos receberam com entusiasmo o material e lembraram quais letras haviam ajudado a sinalizar para o registro fotográfico.

Para a execução da proposta da atividade e abordar a habilidade em questão que busca auxiliar os estudantes a distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos, foram dispostas as imagens do alfabeto bilíngue no chão da sala de modo aleatório, sem seguir a ordem alfabética e logo em seguida, os estudantes receberam a orientação para identificar cada letra e sinalizar. Na sequência, com a ajuda de uma fita adesiva, precisariam colar no quadro de maneira que segue a ordem alfabética.

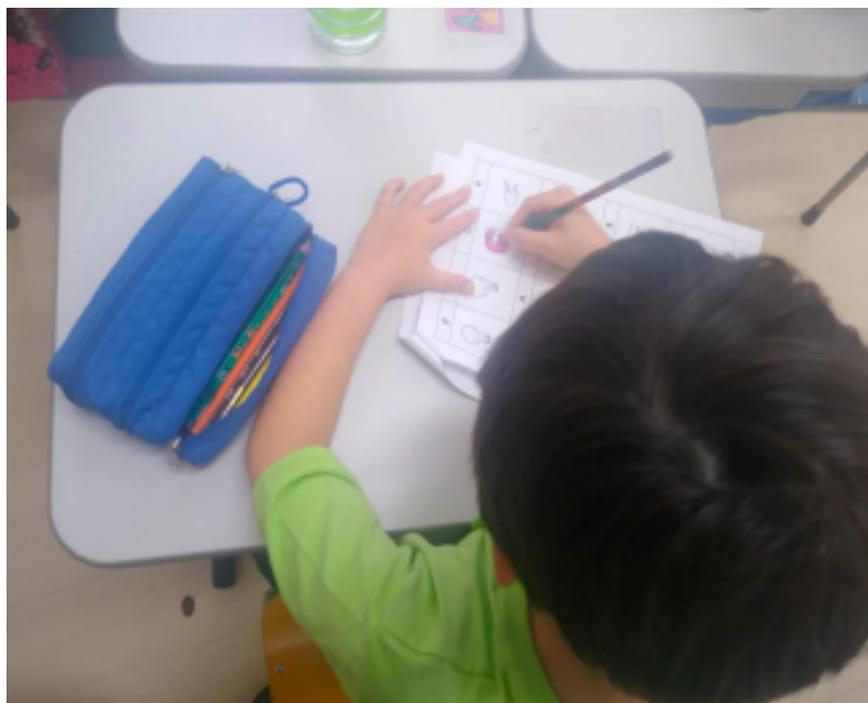
Segundo Peres e Ramil (2020), utilizar imagens associadas as letras ajuda na memorização das mesmas, eles então defendem que

Relacionar a forma das tipografias das letras ou sílabas das palavras ao formato de sua respectiva imagem contribui para a memorização da criança, que associa as formas das fontes da tipografia utilizada na palavra às da imagem representada, pois os caracteres ocupam praticamente o mesmo espaço e assumem formato muito parecido, ao encaixar-se dentro de um detalhe da figura (PERES, RAMIL, 2020, p. 63).

Com o alfabeto fixado no quadro, partimos para a atividade planejada para registro de evidência de aprendizado. Foi entregue aos estudantes uma folha já impressa, onde os alunos deveriam colorir apenas as letras e as mãozinhas correspondentes ao seu nome. Os alunos tiveram facilidade em identificar as letras do seu nome e consultaram o material fixado na lousa para realizar a atividade. Logo após o encerramento da atividade, foi fixado o alfabeto produzido pela turma, abaixo do alfabeto em português, que permaneceu como material de apoio para alfabetização mesmo após o encerramento do projeto.

20

Figura 7 - Atividade para identificar e colorir as letras do seu nome.



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Dando continuidade aos estudos do alfabeto, o laboratório 4 contou o momento de explorar a habilidade EF15LP12 que busca “atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz” (BRASIL, 2018, p. 95). Para trabalhar a habilidade em questão, foi orientado que cada estudante sinalizasse para os colegas uma letra do alfabeto em Libras, enquanto os demais estudantes deveriam analisar e identificar qual a letra sinalizada e relacionar com o nome de algum colega que iniciasse com a letra apresentada.

Considerou-se que esse momento se tornou oportuno para desenvolver a habilidade em questão, já que observar os colegas e compartilhar aprendizagens são ações pertinentes para observar aspectos não linguísticos presentes nas interações na sala de aula. No Quadro 4, pode-se acompanhar a organização do laboratório e as práticas motivadas naquele contexto.

21

Quadro 4 - Laboratório 4: Brincadeira “Qual é a letra?”

QUINTA-FEIRA		HORÁRIO: 13:30h às 14:30h
Espaços	Tema do laboratório	
Sala de aula	Brincadeira “Qual é a letra?”	
Habilidades:		Área:

EF15LP12: Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz	Linguagens
Estratégias do dia:	<p>Durante o momento da roda, cada aluno deverá sinalizar uma letra para os colegas, e os colegas deverão identificar qual letra foi sinalizada.</p> <p>Os alunos poderão falar nomes de colegas que conhecem com a letra sinalizada.</p>
Evidências de aprendizagem	Cada aluno receberá uma imagem com uma letra do alfabeto datilológico com a escrita em português, para desenhar um elemento correspondente com a letra designada.

Fonte: Acervo pedagógico do projeto mãoszinhas podem falar (2022)

Essa experiência reforça a ideia de Roa (2012), com base em Haskings (2002), de que a língua de sinais pode fortalecer os processos comunicacionais, “[...] porque utiliza estímulos tanto visuais como sinestésicos, os quais, combinados com os estímulos auditivos da língua falada oferecem às crianças oportunidades de receber informações através de múltiplos níveis e de várias modalidades.” Desse modo, podemos entender o potencial da Libras nas interações de ouvintes, porque podem contribuir com o desenvolvimento da criança, ampliando seu repertório sociocultural e fortalecendo habilidades da linguagem no período da infância.

Durante o momento da roda, mais alunos aproveitaram para compartilhar a sinalização do nome e trazer mais curiosidades que descobriram em casa, como o fato de as palavras possuírem um único sinal e não serem “soletradas”, como eles disseram. Após essa atividade, foi entregue pequenos cartões previamente recortados com uma letra do alfabeto em português e em Libras, e os alunos deveriam desenhar algo que iniciasse com a letra designada a eles.

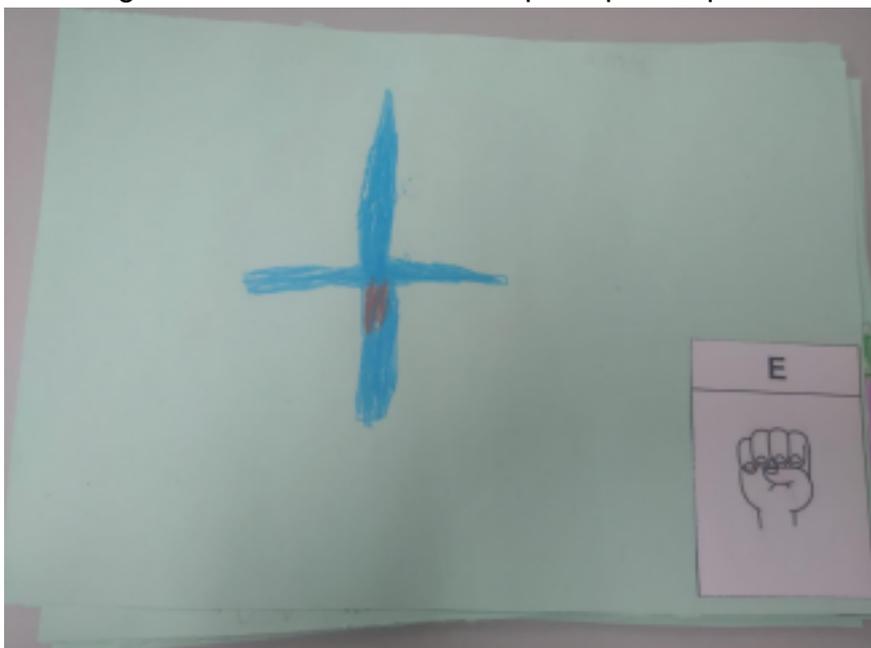
Os alunos tiveram facilidade em executar a atividade, mesmo recebendo cartões com letras que não pertencessem a escrita de seus nomes. Abaixo, as Figuras 8 e 9 representam alguns registros da atividade:

22

Figura 8- Desenho de um Iglu para representar a letra “I”

Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Figura 9 - Desenho de uma espada para representar a letra “E”



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

23

Com a finalização do laboratório 4, os estudantes foram direcionados ao último laboratório. No Quadro 5, pode-se verificar a organização do laboratório 5 que tratou de confeccionar um crachá com o nome dos estudantes em Libras.

Quadro 5 - Laboratório 5: Construção do crachá de identificação pessoal em Libras

SEXTA-FEIRA		HORÁRIO: 13:30h às 14:30h	
Espaços	Tema do laboratório		

Sala de aula	Construção do crachá de identificação pessoal em Libras	
Habilidades:		Área:
EF01LP04: Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos.		Linguagens
Estratégias do dia:	<p>Cada aluno receberá uma folha contendo todas as letras do alfabeto datilológico, com quantidade suficiente para a escrita do seu próprio nome e um retângulo de papel que servirá como base para o crachá.</p> <p>Os alunos deverão escrever seus nomes no papel e abaixo colar as letras em Libras correspondentes ao seu nome.</p> <p>Os alunos se dividirão em duplas para sinalizar seus nomes e tentar praticar o nome do colega.</p>	
Evidências de aprendizagem	Registro da confecção do crachá e prática realizadas em duplas para sinalização dos nomes.	

Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

No último dia de prática, a maioria da turma já conseguia sinalizar seu nome, alguns estudantes mostraram que sinalizavam o nome do pai, mãe ou de outro colega. Foi observado que mesmo durante as tardes, fora do momento dedicado ao projeto, os alunos recorriam ao alfabeto fixado acima da lousa para pesquisa. Diversos momentos, em outras atividades relacionadas a outras disciplinas especializadas mostravam com satisfação para outros professores seu conhecimento da Libras.

Vale destacar que numa das tardes, durante a aula de educação física, o professor levou como proposta o “pega-pega das letras”, onde o pegador seria o aluno que iniciasse com a letra mencionada pelo professor. Os alunos sugeriram que o professor sinalizasse a letra junto para que pudessem, além de ouvir, visualizar a

24

letra escolhida para o pegador. Essa experiência reforça o que Edmunds e Krupinski (2005, p. 2) destacam, que

[...] quanto mais caminhos forem criados, melhor a memória para retê-los, a sinalização combinada com a língua falada fornece duas repetições de uma palavra, porém, em diferentes modalidades, o que faz com que as crianças ouvintes em contato com os sinais tenham o cérebro mais desenvolvido do

que as que não tenham nenhum contato com a Língua de Sinais.

Para o encerramento do projeto, foi entregue uma folha com o alfabeto datilológico e português para que os alunos recortassem e confeccionassem um crachá com seus nomes.

Após a confecção do crachá, os alunos se dividiram em duplas para apresentar para o colega a sinalização do seu nome e praticar o nome do colega. Durante a prática, os alunos se depararam com algumas letras que tinham um pouco mais dificuldade de sinalizar e receberam auxílio da professora nesse processo. Também puderam ampliar o repertório de letras sinalizadas, visto que seus colegas possuíam letras diferentes do seu nome.

Essa atividade além de abordar a habilidade EF01LP04, que tem como foco “distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos” (BRASIL, 2018, p. 99), também aborda a habilidade EF01ER02 que busca “reconhecer que o seu nome e o das demais pessoas os identificam e os diferenciam” (BRASIL, 2018, p. 443). Ambas habilidades são importantes durante o processo de alfabetização, sendo um ponto importante para tratar da identidade e personalidade.

A seguir, as figuras 10 e 11 mostram a execução do último laboratório do nosso projeto:

25

Figura 10 - Alunos colorindo e recortando letras para confeccionar o crachá com nome.



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

Figura 11 - Alunos identificando e colorindo letras do nome para confecção do crachá.



Fonte: Acervo pedagógico do projeto “Minhas mãozinhas podem falar” (2022)

27

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

Mediante o desenvolvimento do projeto minhas mãozinhas podem falar, vale destacar que essa prática pode reforçar a importância do ensino de Libras nas escolas de ouvintes, mesmo que não haja crianças ou adultos surdos inseridos nesse ambiente escolar. Podemos destacar alguns benefícios para a aprendizagem da Língua, como reforça Marques, Barroso e Silva (2013) ao defender que o ensino de Libras diminui as barreiras culturais e linguísticas que esses alunos possam vir a

ter durante sua trajetória escolar e enquanto cidadãos de uma sociedade multicultural.

Para que práticas como essa possam acontecer, é necessário que essa iniciativa ocorra através de docentes que possuam ainda que minimamente, experiência com a Libras e estejam dispostos a multiplicar esse conhecimento com seus alunos, como afirma Ildebrand, Fronza e Luiz (2020), ao defender o uso de projetos, como o ensino de Libras para estudantes ouvintes.

Uma das potências para a realização do projeto foi a disposição e receptividade dos alunos com o tema, que se manteve durante todo o projeto e se perpetuou mesmo após o encerramento dele. As crianças nessa faixa-etária, em especial desse contexto, possuem entusiasmo em aprender e facilidade em absorver diferentes conhecimentos, sejam eles relacionados a conteúdos previstos no currículo escolar, quanto relacionado a quaisquer outros temas como cultura ou outros interesses presentes na sociedade que estão inseridas.

Em contrapartida, os desafios que se apresentaram para a realização da prática não são poucos. Por mais que se trate de uma escola de rede privada, existem poucos recursos para o ensino de Libras. Mesmo havendo uma biblioteca com um grande acervo de livros, não houve nenhum material que pudesse ser aproveitado para os laboratórios, necessitando que todo o material utilizado para a realização fosse selecionado e criado pela professora idealizadora do projeto.

Além disso, existem atualmente poucos artigos e conteúdos acadêmicos publicados que tratem especificamente do ensino de Libras em escolas de ouvintes, sendo necessário uma pesquisa aprofundada, e com base nisso, elaborar materiais que possam vir a contribuir no futuro para esse tema, cada vez mais importante na sociedade, que é o rompimento de barreiras culturais e linguísticas na sociedade, começando pelo ambiente escolar.

Tanto alunos quanto professores, podem se beneficiar ao abrir espaço para o ensino de Libras no espaço escolar. Não é necessário que haja algum aluno surdo para que seja implementado o ensino de Libras, pois esta é uma Língua oficial do nosso país e ao aprendermos sobre ela, estaremos tornando tanto o ambiente escolar quanto a sociedade, espaços mais acessíveis e ricos para oportunidades de trocas culturais.

Este trabalho teve o intuito de discutir sobre a importância do Ensino de Libras em escolas de ouvintes, com base na Lei 14.191, de 2021, que passa a inserir a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) como uma modalidade de ensino independente, respeito-a como língua oficial do nosso país que merece espaço no ambiente escolar, e não mais como uma língua pertencente a apenas um grupo específico, sendo eles surdos, abordada apenas em casos de inclusão.

Além disso, concluiu-se que esta pesquisa contemplou o desenvolvimento de um projeto que permitiu a apresentação da Libras e da cultura surda para crianças em uma instituição escolar para ouvintes, ampliou o repertório cultural e contribuiu para o processo de alfabetização, trazendo mais recursos visuais que agregaram nessa etapa onde os estudantes passam a conhecer as letras e símbolos que estão associados ao mundo.

Um fato limitador foi a dificuldade em encontrar referências que explorassem a Libras na escola dos ouvintes sem a presença de uma pessoa surda, visto que a maioria das pesquisas eram voltadas para o ensino de Libras para crianças surdas ou do ensino de LIBRAS no caso de inclusão de um aluno surdo em escola que não fosse bilíngue.

Para minimizar os problemas apresentados no trabalho, as escolas poderiam organizar momentos de formação, onde houvesse oportunidades de capacitação de Libras aos profissionais, especialmente os docentes, para que então a Libras e a Cultura Surda comesçassem a ter visibilidade e ser pensada como um componente importante para o currículo escolar e não somente como um projeto isolado do planejamento previsto para o ensino das crianças. Além disso, indicar os benefícios de incluir o ensino da Libras no processo de alfabetização e como esse conhecimento pode auxiliar na aquisição da linguagem, ampliando a capacidade cognitiva dos alunos nessa fase pode ser uma alternativa para fortalecer habilidades pertinentes aos primeiros anos de escolarização.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, A. L. ; PINHO, L. M. . **A educação em tempos de pandemia e as práticas pedagógicas no ensino remoto de crianças surdas**. In: Tania Chalhub; Tiago da Silva Ribeiro. (Org.). reflexões de um mundo em pandemia: educação, comunicação e acessibilidade. 1ed.Belo Horizonte: Ayvu Editora, 2020, v. , p. 12-613.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov>

CÉLIA, L. **Palavra tem segredo**. 1º edição. Porto Alegre. Libretos: 2013. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

ILDEBRAND, I. S.; FRONZA, C. A.; LUIZ, S. W. Quando a língua portuguesa visita a Libras: explorando o design thinking e o contato entre línguas no Ensino Médio. **Linguagem & Ensino**. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18563>

ILDEBRAND, I. S.; ROSA, S. H. D. REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA NO PROCESSO FINAL DE ALFABETIZAÇÃO: PROBLEMATIZANDO AS LEITURAS, AS TECNOLOGIAS E AS CIÊNCIAS HUMANAS. **Revista Educação & Tecnologia**, v. 20, n. 20, p. 65-79, 2020. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2650/1989>

MARQUES, H. D. C. R.; BARROCO, S. M. S.; SILVA, T. D. S. A. D. O ensino da língua Brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 19, 2013. p. 503-517. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbee/a/9FZtpKyRm9WXDMfLyKtLL8w/abstract/?lang=pt>

EDMUNDS, M.; KRUPINSKI, D. Using sign language and fingerspelling to facilitate early literacy, 2005. Disponível em <http://www.pbs.org/teachers/earlychildhood/articles/signlanguage.html>

In: XIX Simpósio Catarinense de Administração da Educação, VII Seminário Estadual de Políticas e Administração da Educação, 2007, Blumenau. **Infância, Gestão e Currículo**. Florianópolis: AAESC/ANPAE, 2007. p. 37-42. Disponível em <http://www.aesc.com.br/images/simposio/anais2007.pdf#page=41>

PERES, E.; RAMIL, C. A. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio¹. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, n. 51, 2020.

ROA, M. C. I. **Libras como segunda língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional**. 2012. 130f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/9784/Publico-13262.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

VALADÃO, M. N.; RODRIGUES, L. F.; LOURENÇO, A. R., REIS, B. G. Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, 10(15), 2016. p. 125-147. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13500>